

Capítulo Dez

LARIMAR

ain me tira de um sono sem sonhos, da escuridão para a luz de velas moribundas. Cada parte do meu corpo dói; meus braços ficam dormentes quando não estão pegando fogo, e minhas pernas doem de dentro para fora. Até minha boceta está dolorida de onde Priest trabalhou seus dedos com força. Não que tenha doído na hora — na hora, eu só senti uma espécie de felicidade gananciosa — mas acho que estou me acostumando a ter uma anatomia totalmente nova.

Não ajuda que eu tenha sido jogado em uma pilha sem cerimônia em cima dessas roupas, meus tornozelos e pulsos amarrados. Ele disse que eu poderia beber vinho se quisesse aliviar a dor, mas chegar aos barris não seria uma tarefa fácil.

Então, novamente, o que mais eu tenho que fazer?

Com um gemido, eu lentamente me sento, a sala girando levemente. Meus braços eram inúteis mesmo antes de ele amarrá-los nas minhas costas, mas terei que fazer o que posso. Eu me inclino para trás, não acostumada a ter uma almofada tão macia e natural também — caudas nunca tiveram muita gordura. Começo a mover minhas pernas em unísono então isso está me puxando para frente no chão. Priest pode ter pensado que estava me imobilizando ao amarrar minhas pernas, mas era assim que meu corpo funcionava até recentemente.

Eu me movo em direção aos barris, fingindo que ainda tenho uma cauda, então uso meus pés para empurrar um para fora da pilha. Ele quica no chão, mas a madeira não quebra. Uso meus dedos para virá-lo de lado e então removo a rolha exatamente como eu tinha visto Priest fazer.